

## PREVALÊNCIA DE ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO EM UMA CIDADE NO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Hewerton Côrtes de Castro<sup>1</sup>; Paula Trindade Ferreira<sup>1</sup>; Sumaya Giarola Cecílio<sup>2</sup>; Larissa Mirelle de Oliveira Pereira<sup>3</sup>; Ana Karla Silva<sup>4</sup>; Bianca Cristina Silva de Assis<sup>5</sup>; Thainá Richelli Oliveira Resende<sup>6</sup>; Samyra Giarola Cecílio<sup>7</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** Identificar a prevalência do aleitamento materno exclusivo e os aspectos sociodemográficos de mães residentes na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais. **Métodos:** Estudo descritivo e transversal, realizado com 231 mulheres que foram mães nos anos de 2018, 2019 e 2020. Coleta de dados via questionário contendo as variáveis sociodemográficas e informações sobre a amamentação. **Resultados:** A prevalência de aleitamento materno exclusivo foi de 73,6% (n=170). Mães brancas, que trabalham fora de casa com carteira assinada, que recebem mais de um salário mínimo, que não incluíram a mamadeira na alimentação dos bebês e não receberam orientações dos profissionais durante o pré-natal têm maior prevalência na amamentação exclusiva. **Conclusão:** A prevalência do aleitamento materno exclusivo em São João del-Rei foi superior às estimativas nacionais, porém, as associações significativas encontradas são preocupantes, sobretudo, aquelas relacionadas à cor, renda e carência de orientações no pré-natal.

**Palavras-chave:** Aleitamento materno; Fatores de risco; Inquéritos nutricionais; Lactente.

### ABSTRACT

**Objective:** To identify the prevalence of exclusive breastfeeding and the sociodemographic aspects of mothers residing in the city of São João del-Rei, Minas Gerais. **Methods:** Descriptive and cross-sectional study, carried out with 231 women who were mothers in the years 2018, 2019, and 2020. Data collection via questionnaire containing sociodemographic variables and information on breastfeeding. **Results:** The prevalence of exclusive breastfeeding was 73.6% (n=170). White mothers, who work outside the home with a formal contract, who receive more than one minimum wage, who did not include bottle-fed in their babies' feeding, and who did not receive guidance from professionals during prenatal care have a higher prevalence of exclusive breastfeeding. **Conclusion:** The prevalence of exclusive breastfeeding in São João del-Rei was higher than national estimates, however, they found significant associations that are worrisome, mainly those related to skin color, income, and lack of prenatal guidance.

**Keywords:** Breast Feeding; Risk Factors; Nutrition Surveys; Infant.

<sup>1</sup> Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves, São João Del-Rei/MG, Brasil. Departamento de Enfermagem

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Doutora em Enfermagem pela escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de São João del Rei. Email: [sumayacecilio@gmail.com](mailto:sumayacecilio@gmail.com)

<sup>3</sup> Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves, São João del-Rei/MG, Brasil. Doutora em Física e Química Aplicadas pela Universidade Federal de São João del Rei. Mestre em Física e Química de Materiais pela Universidade Federal de São João del Rei. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São João del Rei. Email: [mirelleplarissa@gmail.com](mailto:mirelleplarissa@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del Rei. Graduada em Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. [anakarla0189@gmail.com](mailto:anakarla0189@gmail.com)

<sup>5</sup> Doutoranda em Saúde Pública pela faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Email: [bianca.ufsj@hotmail.com](mailto:bianca.ufsj@hotmail.com)

<sup>6</sup> Doutoranda em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Biociências pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Nutrição pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: [thaina.richelli@gmail.com](mailto:thaina.richelli@gmail.com)

<sup>7</sup> Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves, São João del-Rei/MG, Brasil. Doutora em Bioengenharia pela Universidade Federal de São João del Rei. Mestre em Ciências pela Universidade Federal de São João del Rei. Graduada em Farmácia Bioquímica pela Universidade Federal de Alfenas. Email: [samyracecilio@gmail.com](mailto:samyracecilio@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2021) caracteriza o aleitamento materno exclusivo (AME) como o recebimento apenas de leite materno, seja ordenhado ou direto da mama, sem outros líquidos ou sólidos, a não ser o uso de gotas ou xaropes que contenham sais minerais/vitaminas que sejam utilizados para reidratação oral. Quando ocorre a oferta de alimento sólido ou líquido além do leite materno, com o intuito de complementação e não substituição da alimentação, tem-se o aleitamento materno complementar (AMC) (EMI *et al.*, 2021).

De acordo com a OMS a amamentação deve ser iniciada na primeira hora de vida e exclusivamente no decorrer dos seis primeiros meses de vida, de modo que não seja introduzido nenhum tipo de alimento líquido ou sólido, subsequente de amamentação complementar com alimentos apropriados até dois anos ou mais. A amamentação possui muitos benefícios e o ato de amamentar por períodos mais longos reduz a morbidade e a mortalidade infantil, causadas por doenças infecciosas. Além disso, estudos apontam a proteção contra o sobrepeso e diabetes, para as crianças (SANTOS *et al.*, 2021). Por outro lado, em relação as mães, a amamentação têm o efeito protetor no câncer de mama e de ovário (OLIVEIRA FILHO *et al.*, 2022).

Em contrapartida, a precocidade na interrupção do aleitamento materno ainda é um

problema de saúde pública que atinge os países em desenvolvimento (SANTOS *et al.*, 2021). Aspectos sociodemográficos influenciam o aleitamento materno e causam o desmame precoce, dentre eles se destacam: o condicionamento de saúde de ambos (mãe e criança), a falta de informação no que concerne ao sistema de saúde, o excesso de trabalho e/ou a necessidade de retorno ao trabalho, a exaustão da mulher, baixa escolaridade, renda familiar, dificuldades com a amamentação como a pega, dentre outros.

Portanto, para a avaliação do AME, torna-se necessário considerar os aspectos sociodemográficos e familiares em que os envolvidos estão inseridos, tanto no período pré-natal quanto ao puerpério, com o objetivo de identificar os indicadores que interrompam o aleitamento (MARAES *et al.*, 2021).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo identificar a prevalência do aleitamento materno exclusivo e os aspectos sociodemográficos de mães residentes na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais.

## 2. MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo e transversal, realizado com mulheres residentes em São João del-Rei, Minas Gerais, que tiveram filhos nos anos de 2018, 2019 e 2020, sem restrições quanto à faixa etária. O cálculo amostral foi realizado por meio do software GPower 3.1.9., adotando os seguintes critérios (a

priori): (a) a execução de teste de média Wilcoxon-Mann-Whitney para dois grupos, (b)  $\alpha$  igual a 0,05, (c) poder esperado de 95% e (d) tamanho do efeito - menor valor de tamanho de efeito observado no estudo de Zhao et al. (2017) igual a 0,15 (efeito dado em *odds ratio* para educação materna na prevalência da amamentação). O valor *odds ratio* foi convertido para *d de cohen*, resultando em um tamanho de efeito igual a 1,04. Utilizando esses parâmetros, foi identificado um número amostral de 54 participantes.

Assim, os pesquisadores do estudo iniciaram a busca pelo contato telefônico dos nomes das mulheres que tiveram filhos dos anos de 2018, 2019 e 2020, disponibilizados pela Secretaria Municipal de Saúde de São João del-Rei. Dos 320 nomes disponibilizados, os pesquisadores, com auxílio das Unidades Básicas de Saúde de São João del-Rei, conseguiram contato por telefone com 231 mães.

Das 231 mães contactadas, todas atenderam aos critérios de inclusão e aceitaram participar do estudo: residir em São João del-Rei - MG, ter tido filhos entre os anos de 2018 e 2020 e assinar ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a coleta dos dados, optou-se pela ferramenta de questionário on-line, via *Google Forms*.

O questionário de coleta de dados era composto pelas seguintes variáveis: a) sociodemográficas (idade, cor da pele

autodeclarada pela mãe, escolaridade materna, escolaridade da avó materna, forma de trabalho -carteira assinada, autônomo ou do lar-, renda familiar *per capita*, número de moradores no domicílio); b) número de filhos e experiência prévia com amamentação; c) conhecimentos sobre a amamentação (importância, benefício, fontes de informação durante o período gestacional); d) tipo de aleitamento (exclusivo ou complementar e, se complementar, o que foi oferecido) e duração do AME; e) intercorrências durante a amamentação que dificultaram a prática; f) oferecimento de chupeta/mamadeira à criança; g) tabagismo. Para cálculo da prevalência do AME, considerou-se somente o oferecimento de leite materno.

As variáveis categóricas foram apresentadas como frequências absolutas e relativas e as variáveis numéricas, como média  $\pm$  desvio-padrão e mediana (1º quartil – 3º quartil). As associações entre as variáveis categóricas e o relato de amamentação exclusiva foram avaliadas pelo teste Qui-quadrado e a comparação da quantidade de moradores na casa com o relato de amamentação exclusiva, pelo teste de Mann-Whitney. Foi considerado nível de significância de 5% e as análises foram realizadas no software R versão 4.0.3.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo comitê de ética do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves - UNIPTAN, via Plataforma Brasil de Pesquisa, sob número do parecer 4.939.614.

### 3. RESULTADOS

A população do estudo foi composta por 231 mães residentes no município de São João del-Rei - MG. Das 231 mães (100%), 170 (73,6%) relataram prevalência de aleitamento materno exclusivo. Cento e trinta mulheres (56,3%) se autodeclararam brancas e 109

(47,2%) trabalhavam fora de casa, sem carteira assinada. Em relação à escolaridade, prevaleceu o ensino médio completo e a renda, a partir de dois salários mínimos. Sobre o número de filhos, 143 (60%) mulheres tinham apenas um filho e 229 (99,1%) disseram já ter amamentado (Tabela 1)

Tabela 1 - Caracterização dos participantes do estudo (n = 231). São João del-Rei, MG, Brasil

Variáveis	n (%)
<b>Qual a sua cor ou raça?</b>	
Branca	130 (56,3)
Parda	77 (33,3)
Preta	15 (6,5)
Amarela	9 (3,9)
<b>Qual a sua forma de TRABALHO?</b>	
Trabalho fora de casa, SEM carteira assinada	109 (47,2)
Do lar	53 (22,9)
Trabalho fora de casa, COM carteira assinada	47 (20,3)
Sou estudante	11 (4,8)
Servidora Pública	7 (3,0)
Desempregada	4 (1,7)
<b>Qual a sua ESCOLARIDADE?</b>	
Ensino Fundamental (estudou até oitava série)	2 (0,9)
Ensino Médio Completo (até terceiro ano do segundo grau)	120 (51,9)
Ensino técnico	1 (0,4)
Ensino Superior completo (já terminou a faculdade)	51 (22,1)
Pós-Graduação (especialização, mestrado ou doutorado)	57 (24,7)
<b>Qual a escolaridade da SUA MÃE?</b>	
Analfabeta (nunca estudou, não sabe ler nem escrever)	5 (2,2)

Ensino Fundamental (estudou até oitava série)	121 (52,4)
Ensino Médio (até terceiro ano do segundo grau)	58 (25,1)
Ensino Superior completo (já terminou a faculdade)	23 (10,0)
Pós-Graduação (especialização, mestrado ou doutorado)	22 (9,5)
Alfabetizada em casa	1 (0,4)
Não sei	1 (0,4)

**Unindo a sua renda e das outras pessoas que moram com você, qual é a renda total, de todos os moradores da casa?**

Até 1 salário mínimo	26 (11,3)
Até 2 salários mínimos	77 (33,3)
2 salários mínimos ou mais	83 (35,9)
Prefiro não declarar.	45 (19,5)

**Quantas pessoas, incluindo você, moram na mesma casa?**

1	1 (0,4)
2	16 (6,9)
3	109 (47,2)
Mais de 3	105 (45,5)

**Você tem quantos filhos?**

1 filho	143 (61,9)
2 filhos	72 (31,2)
3 filhos ou mais	16 (6,9)

**Você já amamentou alguma vez na sua vida?**

Sim	229 (99,1)
Não	2 (0,9)

**A amamentação ocorreu exclusivamente até os 06 primeiros meses (ou seja, o seu filho só mamou no peito e não recebeu nenhum outro alimento, nem água, até os seis meses de idade)?**

Sim	170 (73,6)
-----	------------

Não	61 (26,4)
<b>Você teve alguma informação sobre o aleitamento materno enquanto estava grávida (cuidados básicos, problemas que podem ocorrer, importância do aleitamento)?</b>	
Sim	207 (89,6)
Não	24 (10,4)
<b>Se SIM, como você recebeu a informação sobre a amamentação? (n=207)</b>	
Internet (Redes Sociais)	81 (39,1)
Cursos	72 (34,8)
Hospitais, UBS, Casas de Saúde	55 (26,6)
Familiares	24 (11,6)
Algum profissional da área da saúde	9 (4,3)
<b>Você teve alguma dificuldade ao amamentar ou algum problema com as mamas durante o período de amamentação?</b>	
Sim	164 (71,0)
Não	67 (29,0)
<b>Se SIM, qual(is) problemas você teve? (n=164)</b>	
Dores no peito	81 (49,4)
Leite empedrou	48 (29,3)
Feridas	46 (28,0)
Rachadura no peito	32 (19,5)
Mastite	21 (12,8)
Bico invertido	9 (5,5)
Problemas de sucção, não sabia fazer a pega corretamente	6 (3,7)
Pouco fluxo no início	3 (1,8)
Peito ficava muito cheio e eu não sabia direito como esvaziar	3 (1,8)

**No período da amamentação, você teve que parar de amamentar por que fumava?**

Sim	2 (0,9)
Não parei	1 (0,4)
Não. Não era fumante	228 (98,7)

**Você usou algum tipo de vitamina ou suplemento durante a amamentação?**

Sim	135 (58,4)
Não	96 (41,6)

**O bebê fez uso de alguma chupeta ou mamadeira durante a amamentação?**

Não	133 (57,6)
Chupeta	63 (27,3)
Mamadeira	38 (16,5)

**Você conhece os benefícios (pontos positivos) da amamentação para a mãe e para o bebê?**

Sim	219 (94,8)
Não	12 (5,2)

---

Fonte: Próprios autores (2023)

Na Tabela 2 os dados de amamentação exclusiva foram comparados com as variáveis de modo que houve associação significativa do relato de amamentação exclusiva com a cor/raça branca autodeclarada da mãe ( $n = 105$ ;  $p = 0,011$ ). Mães que disseram “trabalhar fora de casa com carteira assinada” ( $n = 46$ ,  $p < 0,001$ ) relataram mais frequentemente amamentação exclusiva do que mães que “trabalham fora de casa sem carteira assinada” ( $n = 66$ ) ou se declararam como “do lar” ( $n = 39$ ). Em relação à renda, houve diferença entre a porcentagem de

mães que relataram amamentação exclusiva para “até 2 salários mínimos” ( $n = 33$ ;  $p < 0,001$ ) e “2 salários mínimos ou mais” ( $n = 83$ ;  $p < 0,001$ ). Além disso, o aumento no número de filhos também levou à redução da frequência de amamentação exclusiva ( $p = 0,024$ ). Houve menor relato de amamentação exclusiva entre as mães que receberam informações sobre a amamentação por algum profissional da saúde ( $n = 2$ ;  $p = 0,001$ ) e de mães de bebês que fizeram uso de mamadeira ( $n = 10$ ;  $p < 0,001$ ).

Tabela 2 - Comparação das variáveis com o relato de amamentação exclusiva. São João del Rei, MG, Brasil

	Amamentação exclusiva		Valor-p <sup>Q</sup>
	Sim	Não	
<b>Qual a sua cor ou raça?</b>			0,011
Branca	105 (80,8)[3]	25 (19,2)	
Parda	50 (64,9)	27 (35,1)	
Preta	11 (73,3)	4 (26,7)	
Amarela	4 (44,4)	5 (55,6)	
<b>Qual a sua forma de TRABALHO?</b>			<0,001
Trabalho fora de casa, SEM carteira assinada	66 (60,6)	43 (39,4)	
Do lar	39 (73,6)	14 (26,4)	
Trabalho fora de casa, COM carteira assinada	46 (97,9)	1 (2,1)	
Sou estudante	9 (81,8)	2 (18,2)	
Servidora Publica	6 (85,7)	1 (14,3)	
Desempregada	4 (100,0)	0 (0,0)	
<b>Qual a sua ESCOLARIDADE?</b>			0,252
Ensino Fundamental	2 (100,0)	0 (0,0)	
Ensino Médio Completo	84 (70,0)	36 (30,0)	
Ensino técnico	0 (0,0)	1 (100,0)	
Ensino Superior completo	39 (76,5)	12 (23,5)	
Pós-Graduação	45 (78,9)	12 (21,1)	
<b>Qual a escolaridade da SUA MÃE?</b>			0,453
Analfabeta	4 (80,0)	1 (20,0)	
Ensino Fundamental	86 (71,1)	35 (28,9)	
Ensino Médio	44 (75,9)	14 (24,1)	
Ensino Superior	16 (69,6)	7 (30,4)	
Pós-Graduação	19 (86,4)	3 (13,6)	
Alfabetizada em casa	0 (0,0)	1 (100,0)	

Não sei	1 (100,0)	0 (0,0)	
<b>Unindo a sua renda e das outras pessoas que moram com você, qual é a renda total, de todos os moradores da casa?</b>			<0,001
Até 1 salário mínimo	19 (73,1)	7 (26,9)	
Até 2 salários mínimos	33 (42,9)	44 (57,1)	
2 salários mínimos ou mais	83 (100,0)	0 (0,0)	
Prefiro não declarar.	35 (77,8)	10 (22,2)	
<b>Quantas pessoas, incluindo você, moram na mesma casa?</b>			0,593
1	1 (100,0)	0 (0,0)	
2	12 (75,0)	4 (25,0)	
3	84 (77,1)	25 (22,9)	
Mais de 3	73 (69,5)	32 (30,5)	
<b>Você tem quantos filhos?</b>			0,024
1 filho	99 (69,2)	44 (30,8)	
2 filhos	55 (76,4)	17 (23,6)	
3 filhos ou mais	16 (100,0)	0 (0,0)	
<b>Você teve alguma informação sobre o aleitamento materno enquanto estava grávida (cuidados básicos, problemas que podem ocorrer, importância do aleitamento)?</b>			0,290
Sim	155 (74,9)	52 (25,1)	
Não	15 (62,5)	9 (37,5)	
<b>Se SIM, como você recebeu a informação sobre a amamentação? (n=207)</b>			
Internet (Redes Sociais)	65 (80,2)	16 (19,8)	0,206
Cursos	56 (77,8)	16 (22,2)	0,593
Hospitais, UBS, Casas de Saúde	41 (74,5)	14 (25,5)	>0,999
Familiares	16 (66,7)	8 (33,3)	0,462
Algum profissional da área da saúde	2 (22,2)	7 (77,8)	0,001

**Você teve alguma dificuldade ao amamentar ou algum problema com as mamas durante o período de amamentação?** 0,168

Sim	116 (70,7)	48 (29,3)
Não	54 (80,6)	13 (19,4)

**Se SIM, qual (is) problemas você teve?**  
(n=164)

Dores no peito	60 (74,1)	21 (25,9)	0,449
Leite empedrou	36 (75,0)	12 (25,0)	0,559
Feridas	30 (65,2)	16 (34,8)	0,437
Rachadura no peito	24 (75,0)	8 (25,0)	0,708
Mastite	18 (85,7)	3 (14,3)	0,174
Bico invertido	8 (88,9)	1 (11,1)	0,288

**Você usou algum tipo de vitamina ou suplemento durante a amamentação?** 0,964

Sim	100 (74,1)	35 (25,9)
Não	70 (72,9)	26 (27,1)

**O bebê fez uso de alguma chupeta ou mamadeira durante a amamentação?**

Não	118 (88,7)	15 (11,3)	<0,001
Chupeta	42 (66,7)	21 (33,3)	0,195
Mamadeira	10 (26,3)	28 (73,7)	<0,001

**Você conhece os benefícios (pontos positivos) da amamentação para a mãe e para o bebê?** 0,757

Sim	162 (74,0)	57 (26,0)
Não	8 (66,7)	4 (33,3)

Legenda: <sup>Q</sup> Teste Qui-quadrado  
 Fonte: Próprios autores (2023)

#### 4. DISCUSSÃO

Este estudo se constituiu como a primeira avaliação sobre a prevalência do aleitamento

materno na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, bem como dos fatores associados à sua prática. A amostra, constituída por 231 mães,

demonstrou a prevalência de 73,6% do Aleitamento Materno Exclusivo (AME) durante o ano de 2018 a 2020.

Para além de um retrato do panorama atual do aleitamento no município, este estudo representa uma forma de realizar a vigilância em saúde, uma vez que as prevalências aqui descritas se caracterizam como demarcadores para futuros estudos e análise de tendências. Como não foram encontrados achados de outras pesquisas com escopo semelhante realizados no mesmo município, em recortes temporais diferentes, a base de comparação será, além dos inquéritos nacionais, ancorada em estudos realizados em outras cidades brasileiras.

No que diz respeito aos dados globais sobre o aleitamento materno, um inquérito realizado pela UNICEF revelou que duas em cada 5 crianças menores de 6 meses foram exclusivamente amamentadas ao longo do ano de 2018 (UNICEF, 2019). Sobre Brasil, o estudo de Boccolini *et al.* (2017), realizado no ano de 2013 a partir de dados secundários de inquéritos nacionais com informações sobre o aleitamento materno (anos 1986, 1996, 2006 e 2013), apresentou uma prevalência de AME de 36,6% em crianças com menos de 6 meses. A série histórica dos indicadores de aleitamento materno no Brasil apresentada no estudo, mostra uma tendência ascendente até 2006, estabilizando a partir dessa data.

Já os dados do ENANI (2019) - inquérito populacional de base domiciliar realizado em

uma amostra probabilística de crianças menores de 5 anos de idade, distribuídas em 123 municípios dos 26 estados da Federação e no Distrito Federal, com uma amostra composta por 14.558 crianças residentes em 12.524 domicílios - apresenta informações mais recentes sobre o aleitamento materno. A prevalência de AME em menores de 6 meses foi de 45,8% no Brasil, com prevalência de 49,1% na região Sudeste. A prevalência de AME entre crianças menores de 4 meses foi de 59,7% no Brasil e 61,3% na região Sudeste (ENANI, 2019).

Os resultados de Boccolini e colaboradores (2017) e ENANI (2019), embora expressivos, ainda estão aquém do preconizado pela OMS (2021) e, por isso, podem ser considerados sinais de alerta. É preciso persistir na avaliação e na revisão das políticas e programas de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno, fortalecendo as já existentes e propondo novas estratégias para que os indicadores de prevalência de aleitamento materno se mantenham na tendência ascendente. No presente estudo, a prevalência de 73,6% de AME em São João del-Rei durante os anos de 2018 a 2020 parece um dado animador. Contudo, é preciso considerar as limitações do estudo, sobretudo, aqueles referentes ao tamanho amostral.

Em relação à AME e escolaridade, neste estudo, 76,5% e 78,9% das mães que praticam o AME possuíam ensino superior completo e pós-graduação, respectivamente. Alves, Couto de

Oliveira e Rito (2018) demonstraram uma menor prevalência de aleitamento materno exclusivo em mães com escolaridade inferior ao ensino médio. A escolaridade materna parece ser determinante para o êxito da prática do aleitamento materno, podendo estar relacionada ao maior desenvolvimento cognitivo que favorece a compreensão de informações relacionadas à amamentação. Além disso, mães com maior tempo de estudo tendem a ter mais autoconfiança para questionar recomendações familiares ou opiniões de profissionais desatualizados. A partir desses achados, fica evidente a necessidade de se conhecer os fatores associados ao aleitamento materno em cada realidade, sobretudo, aquelas em maior risco, com vistas a subsidiar a escolha de estratégias mais efetivas de promoção da amamentação, que sejam adequadas e contextualizadas ao perfil do público-alvo, sendo coerentes com os anos de estudo de cada mulher e família.

No que concerne à renda familiar, este estudo encontrou que das mães que praticam o AME, 100% possuíam renda igual a dois salários mínimos ou mais. Além disso, foi verificado que as mães que trabalham fora de casa com carteira assinada também praticam mais o AME do que as mães sem trabalho ou carteira assinada. Geralmente, mães que não possuem direitos trabalhistas firmados por meio de um trabalho formal, acabam mais vulneráveis às alternativas de sustento familiar que não

permitem a manutenção do AME (SANTOS et al., 2021).

Semelhantemente, um estudo realizado com 911 mães no Vale do Ribeira (município localizado no estado de São Paulo, com uma população estimada em 56.322 mil habitantes) encontrou que, em relação à renda, mais da metade das participantes que interromperam o AME apresentavam renda familiar menor que um salário mínimo e não possuíam casa própria (SILVA *et al.*, 2021).

Contudo, esses achados também são motivos de reflexão, uma vez que, a inserção da mulher no mercado neoliberal também prejudica, sobremaneira, a manutenção do AME, ainda que os direitos trabalhistas estejam resguardados. Dentre as causas, é possível citar a jornada dupla de trabalho e ao cansaço da mulher (SILVA *et al.*, 2021).

Apesar de não ter sido uma variável pesquisada neste estudo, outras pesquisas apontam que a menor renda também surge associada a introdução do leite de vaca como substituto do leite materno antes dos seis meses. Em um estudo de coorte realizado em Viçosa, Minas Gerais, um município com características semelhantes à São João del-Rei, foi avaliado os fatores associados ao consumo de leite materno, fórmulas lácteas e leite de vaca nos 1º, 4º e 6º meses de vida, de 247 crianças. Os autores encontraram que a renda familiar menor é inversamente associada ao consumo de fórmulas lácteas no sexto mês de vida, o que permite

supor que isso acontece devido aos custos elevados de tal alimento (CARVALHO *et al.*, 2017). Isso se torna preocupante uma vez que o leite de vaca não é o alimento recomendável para crianças menores de um ano, tendo em vista a sua associação com alergias e intolerâncias alimentares, doenças crônicas e anemia ferropriva (SILVA *et al.*, 2017).

A associação significativa da AME com a cor autodeclarada encontrada neste estudo (mães que se autodeclararam brancas apresentaram relato mais frequente de amamentação exclusiva) difere dos achados do ENANI (2019), que não encontrou diferenças estatisticamente significativas entre as prevalências de AME em menores de 6 meses e a cor/raça ou de AME em menores de dois anos e a cor/raça.

Outro achado que difere de outros estudos realizados é o menor relato de AME entre as mães que receberam informações sobre a amamentação por algum profissional da saúde. O estudo de Alves, Couto de Oliveira e Rito (2018) analisou a associação entre o recebimento de orientações sobre a amamentação na atenção primária e o aleitamento materno exclusivo. Como esperado, os resultados apontaram que receber orientações sobre o aleitamento materno contribui para a sua prática (RP = 1,32). No estudo, as orientações foram baseadas em alguns passos da Iniciativa Unidade Básica Amiga da Amamentação (IUBAAM – iniciativa da Secretaria de Saúde

do Estado do Rio de Janeiro) que consistem em esclarecer sobre as vantagens do AME até os seis meses, encorajar as mães sobre a manutenção da AME, mesmo após o retorno ao trabalho, alertar sobre os riscos da mamadeira, além de incentivar o vínculo com grupos de apoio.

No presente estudo, não foram averiguadas quais as informações ou orientações foram repassadas as mães e gestantes pelos profissionais de saúde. Tampouco, quais as estratégias de educação em saúde foram as escolhidas por esses profissionais para a orientação, o que torna difícil a inferência de possíveis problemas. Contudo, é possível supor que o nó crítico esteja no modo como essa orientação acontece. Os questionamentos vão desde quais os conteúdos são trabalhados, se o que acontece é apenas o repasse de informações ou, de fato, a prática dialógica, o referencial teórico adotado pelo enfermeiro ou médico educador, até a valorização da subjetividade da mulher.

O que alguns autores trazem sobre essa problemática diz respeito a uma prática educativa falha – que não exercita a construção conjunta de conhecimento e que ainda peca na insuficiência de conteúdos e orientações sobre o AME, o que prejudica, sobremaneira, a sua adesão (SANTOS *et al.*, 2022; SILVA *et al.*, 2018).

O que também chama atenção é que apenas 22,2% das mães relataram receber

orientações nas consultas de pré-natal dos serviços de saúde em São João del-Rei, enquanto 80,2% tiveram acesso às informações apenas pelas redes sociais. Independente de qual tenha sido a causa, urge a necessidade de capacitação das equipes de saúde da família da cidade que sediou este estudo, uma vez que é papel da Atenção Primária incentivar o AME e contribuir no alcance da meta da OMS de aumentar em 50% a taxa de AME nos primeiros seis meses de vida até 2025.

Apesar de no presente estudo 88,7% das mães que praticavam AME não utilizarem mamadeira ou chupeta, houve associação negativa entre a manutenção da prática e o uso de mamadeira. Sabe-se que a prática de receber alimentos por mamadeiras pode ocasionar o desmame precoce, uma vez que está associada a recusa do peito, a sucção prejudicada, a pega incorreta, além da interferência no desenvolvimento orofacial. Além disso, o uso de mamadeira também surge associado a fissura mamilar da mulher e na diminuição do vínculo entre mãe e bebê (CAVALCANTE *et al.*, 2021).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prevalência do aleitamento materno exclusivo em São João del-Rei foi superior às estimativas nacionais, porém, as associações

significativas encontradas são preocupantes, sobretudo, aquelas relacionadas à cor, renda e carência de orientações no pré-natal.

Algumas limitações precisam ser consideradas neste estudo, sendo a primeira delas o tipo de método empregado. O estudo transversal não permitiu aos autores realizar qualquer inferência causal, precisando de uma interpretação cuidadosa por parte do leitor, uma vez que as informações coletadas foram retrospectivas (alguns dados podem ser imprecisos, a depender da memória das participantes). Além disso, o número amostral se mostrou insuficiente para realizar associações com outras variáveis de interesse.

Como potencialidades deste estudo, se destaca o fato de não terem sido identificados outros estudos realizados em São João del-Rei e este poder ser considerado uma linha de base para um futuro projeto de coorte na comunidade em questão. Ainda, este estudo pode subsidiar o desenvolvimento de iniciativas da APS local, no sentido de fortalecer a rede de assistência materna e puerperal, na capacitação de profissionais que incentivem o AME articulados às políticas públicas vigentes. Fundamentadas nos objetivos, resultados e discussão, evitando afirmações não relacionadas ao estudo e/ou novas interpretações. Incluir as contribuições do estudo realizado.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jessica; DE OLIVEIRA, Maria Inês; RITO, Rosane. Orientações sobre a amamentação na atenção básica de saúde e associação com o aleitamento materno exclusivo. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1077-88, setembro, 2017.

BOCCOLINI, Cristiano; BOCCOLINI, Patrícia; MONTEIRO, Fernanda *et al.* Tendência de indicadores do aleitamento materno no Brasil em três décadas. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 51, n. 108, p. 1-9, dezembro, 2017.

CARVALHO, Carolina; FONSÊCA, Poliana; NOBRE, Luciana *et al.* Fatores sociodemográficos, perinatais e comportamentais associados aos tipos de leite consumidos por crianças menores de seis meses: coorte de nascimento. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 3699-709, novembro, 2017.

CAVALCANTE, Vitória; SOUSA, Maria; PEREIRA, Camila *et al.* Consequences of using artificial nipples in exclusive breastfeeding: an integrative review. **Aquichan**, Colômbia, v. 21, n. 3, p. 1-3, julho-setembro, 2021.

EMI, Henrique; DANIEL, Adriano; GUIMARÃES, Antônio *et al.* Análise da prevalência do aleitamento materno exclusivo na área de abrangência da UBS várzea-patos de Minas, MG. **Brazilian Journal of Health Review**, Paraná, v. 4, n. 5, p. 21276–21288, outubro de 2021.

ESTUDO NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO INFANTIL (ENANI). Relatório de Amamentação, 2019. Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br/>. Acesso em 08 de outubro de 2023.

MORAES, Gécica; CHRISTOFFEL, Marialda; TOSO, Beatriz *et al.* Association between duration of exclusive breastfeeding and nursing mothers' self-efficacy for breastfeeding. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 10, n. 5, p. 03702, maio, 2021.

OLIVEIRA FILHO, Roberto; RODRIGUES Thamires; LIMA Caroline *et al.* Análise dos fatores dificultadores do aleitamento materno exclusivo no Brasil e repercussões na vida do lactente e da mulher. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v.11, n.4, p. 58311427726, março, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Breastfeeding: recommendations, 2021 Disponível em: [https://www.who.int/health-topics/breastfeeding#tab=tab\\_2](https://www.who.int/health-topics/breastfeeding#tab=tab_2). Acesso em 02 de setembro de 2023.

ORNELAS, Yanca; SANTOS, Silvania; JESUS, Ely *et al.* Effects of consumption of cow's milk by the child before the first year of life. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 3, p. 13, março, 2022.

SANTOS, Antonia; MARINHO, Luana; SANTOS, Romila *et al.* Aleitamento materno exclusivo: conhecimentos de puérperas na atenção básica. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, Rio de Janeiro, v. 96, n. 38, p. 1-10, abr-jun., 2022.

SANTOS, Vanessa; HOLAND Bruna; DREHMER, Michele *et al.* Sociodemographic and obstetric factors associated with the interruption of breastfeeding within 45 days postpartum - Maternar Cohort Study. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 21, n. 2, p. 575-586, abr-jun., 2021.

SILVA, Beatriz; SILVA, Ana Paula; RODRIGUES, Júlia *et al.* Consumo alimentar de crianças de zero a 23 meses em um município brasileiro. **Revista Ciências em Saúde**, Itajubá, v. 11, n. 4, p. 94-101, out-dez., 2021.

SILVA, Daniela; SCHMITT, Isabel; COSTA, Roberta *et al.* Promoção do aleitamento materno no pré-natal: discurso das gestantes e dos profissionais de saúde. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 22, p. 1103, maio, 2015.



**REI**  
ISSN 1984-431X

Revista Eletrônica Interdisciplinar  
Barra do Garças – MT, Brasil  
Ano: 2024 Volume: 16 Número: 3

UNITED NATIONS INTERNATIONAL  
CHILDREN'S EMERGENCY FUND  
(UNICEF). Infant and young child feeding,  
2019. Disponível em:  
[https://data.unicef.org/topic/nutrition/infant-  
and-young-child-feeding/](https://data.unicef.org/topic/nutrition/infant-and-young-child-feeding/). Acesso em 04 de  
setembro de 2023.